

NOTA TÉCNICA SOBRE OS RISCOS DE RETORNO PRESENCIAL DAS ATIVIDADES ESCOLARES NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 10 de setembro de 2020

Ainda sem a concreta disponibilidade de vacinas ou medicamentos seguros e eficazes contra o vírus SARS-CoV-2, todas as sociedades permanecem vulneráveis à doença, permanecendo as orientações de distanciamento social, uso de máscaras e higienização frequente das mãos como aquelas que mais possam reduzir a propagação da COVID-19 e seus efeitos potencialmente catastróficos sobre a saúde dos indivíduos, o sistema de saúde e a economia.

Os indicadores manifestos pela Prefeitura do Rio de Janeiro a fim de subsidiar o pleito de derrubar a liminar de suspensão ao Decreto 47.683/2020 apontam redução da ocupação dos leitos hospitalares e redução de óbitos relacionados à COVID-19. No entanto, a despeito da redução de casos, o que se observa no gráfico da evolução temporal de casos é que após as medidas de flexibilização das medidas de isolamento houve um aumento do número de casos no município do Rio de Janeiro (Figura 1).

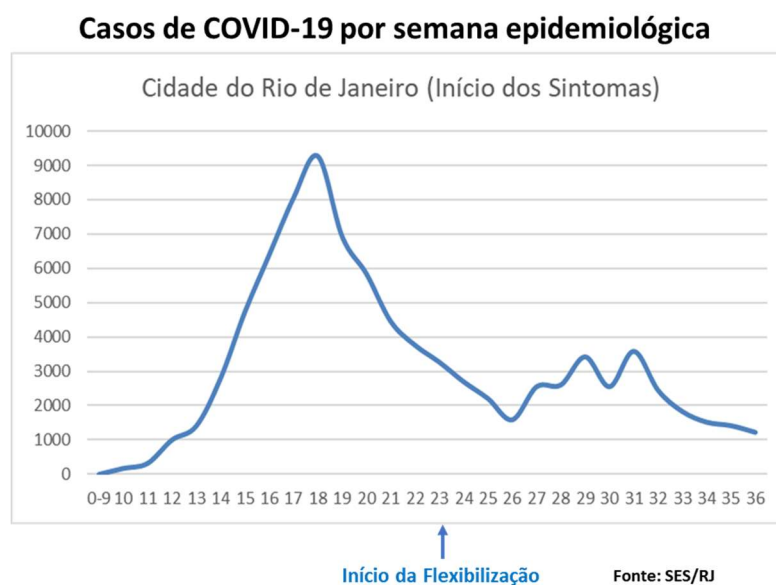


Figura 1: Número de Casos no município do Rio de Janeiro

Uma pesquisa da Universidade de Harvard apontou que o potencial de disseminação do vírus por jovens e crianças tem sido subestimado. A pesquisa incluiu indivíduos da faixa etária de 0-22 anos admitidos em unidades de urgência ou internados após diagnóstico de uma síndrome inflamatória multissistêmica (manifestação grave da infecção pelo SARS-CoV-2) e mostrou que a carga viral encontrada nas vias aéreas superiores desses indivíduos era ainda maior que a de sujeitos adultos diagnosticados e internados em UTI pela COVID-19. O estudo demonstra que crianças (lactentes e escolares) e adultos jovens são transmissores efetivos, mesmo quando assintomáticos, do vírus da COVID-19. Vale ressaltar que o risco de contágio não se restringe somente aos alunos, mas aos professores, funcionários e familiares.

Os dados do monitoramento do número básico de reprodução (R), que fornece uma estimativa da taxa de contágio do vírus, instrumentalizado pelo Covidímetro, desenvolvido e divulgado pela UFRJ (Figura 2), apontam que apesar da redução e estabilização observada, o município do Rio de Janeiro ainda está sob um risco moderado, muito próximo de alto, com uma taxa de contágio (R_0) calculado de 1,16 para a semana epidemiológica 36 e simulado para a semana epidemiológica 37 de 1,15. A flexibilização das medidas de isolamento com o aumento progressivo da circulação de pessoas pode ser julgada precoce sob essas observações, com resultados indesejados, conforme podem ser observadas os casos de contaminação ocorridos na cidade de Manaus após a abertura das escolas (<https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/o-que-o-caso-de-manaus-diz-sobre-a-volta-as-aulas-no-brasil/>) em escolas de verão nos Estados Unidos (<https://www.nytimes.com/2020/07/31/health/coronavirus-children-camp.html>) e em várias localidades na Europa (https://www.washingtonpost.com/world/europe/restrictions-return-in-spain-as-coronavirus-infections-spike-again/2020/07/24/9d6575d4-cc40-11ea-99b0-8426e26d203b_story.html).

ver <https://dadoscovid19.cos.ufrj.br> para mais informações

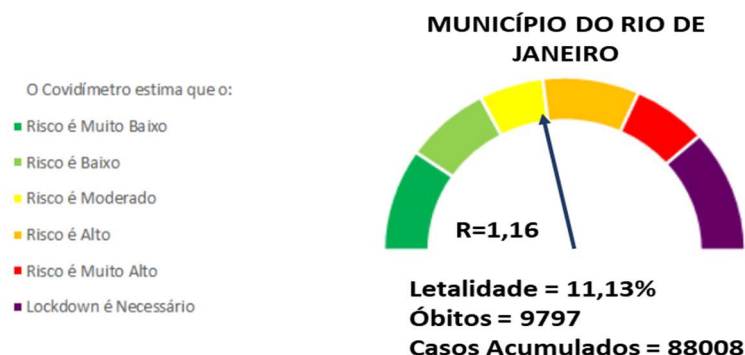


Figura 2: Covidímetro para o município do Rio de Janeiro com R calculado para a SE-36 e índices até 06/09/2020 com dados recebidos em 10/09/2020

Preocupações atreladas à transmissibilidade da doença entre escolares, e destes para sujeitos de maior vulnerabilidade, como familiares, funcionários e professores idosos ou com comorbidades, torna essencial a manifestação científica contrária ao retorno das aulas presenciais em escolas no município do Rio de Janeiro neste momento.

Mediante, há de se convir que medidas protocolares de checagem de temperatura, sinais e sintomas, utilização de tapetes sanitizantes, entre outros, na admissão de alunos nas escolas podem não impedir, efetivamente, a transmissão do vírus nesses ambientes, colocando em risco a saúde de todos.

Salientamos, também, a falta de capacitação dos funcionários e professores na gestão de risco deste complexo desastre biológico, assim como a falta de hábito da sociedade quanto às práticas envolvidas nesta situação.

Portanto, o retorno presencial das atividades escolares ainda representa grande risco à saúde pública devido ao aumento da vulnerabilidade de grande número de indivíduos da população associada às dificuldades de preparação e resposta a esta situação emergencial.